

11/12/2017 - 05:00

E La Nave Va

Por **David Kupfer**

Em um quadro de crise política permanente, mais um ano se passou sem que tenha havido nenhum avanço substantivo a exaltar. O ano de 2017 está terminando como um dos mais perdidos da história brasileira recente, especialmente se confrontado com a magnitude das transformações requeridas para reacender na sociedade brasileira a esperança no futuro. E não adianta dizer que esse resultado era previsível dada a forma como a atual correlação de forças chegou ao poder. Afinal, que o principal alimento da democracia é a legitimidade todos sabem. O problema é que o tempo não para e, com ou sem rumo, "la nave va".

Nesse contexto, não deixa de causar estranheza que a tese do descolamento entre economia e política tenha sido tão pisada e repisada ao longo do ano. Segundo essa tese, a economia estaria demonstrando uma "blindagem" em relação aos efeitos costumeiramente nocivos exercidos pelas crises políticas. Não é difícil ver que essa tese que, em si, já seria difícil de comprovar mesmo que a economia estivesse efetivamente deslançando, diante de uma realidade que mostra que se está simplesmente trocando recessão por estagnação nada mais é do que uma peça de retórica vazia.

Mesmo assim não foram poucos os analistas que recorreram a adjetivos como consistente, robusto ou firme para saudar o crescimento de 0,1% do PIB na comparação com o trimestre imediatamente anterior, captado pelo IBGE nas estatísticas do 3º trimestre de 2017. É certo que, com isso, as previsões para o crescimento da economia no fechamento do ano aproximaram-se de 1%, encerrando-se assim o duro período de recessão iniciado no final de 2014. Só que os estudiosos do ciclo já identificaram fortes sinais de que a presente retomada deverá ser a mais lenta da nossa história. Os brasileiros estarão recuperando em 2017 pouco mais de um décimo da renda per capita que perderam desde que a economia entrou em queda livre; retornar ao nível de 2014, somente em 2020 ou 2021. É difícil encontrar o que comemorar.

Se algum descolamento houve em 2017, não foi entre política e economia, mas entre establishment e a sociedade

Os defensores da tese do descolamento manejam como evidência diversos resultados positivos recentes exibidos pelos fundamentos da economia, como, por exemplo o desabamento da taxa de inflação, o mergulho da taxa de juros; a calma no mercado de câmbio; a robustez do balanço de pagamentos; e o comportamento positivo da bolsa de valores. A parte desse último, que tem pouca relação com a dinâmica da economia brasileira, os demais

são, de fato, resultados auspiciosos. Nada se fala, no entanto, sobre a desestruturação do mercado de trabalho, a evaporação da renda disponível e do crédito ou a pífia formação de capital fixo, dentre outros indicadores não monetários relacionados à recuperação da economia.

Propõe-se aqui uma visão distinta, ancorada na tese do "Colamento". Segundo essa tese, a pequena melhora apresentada pela economia brasileira é, em grande parte, reflexo da ótima fase vivida pela economia mundial ao longo do corrente ano. O que está dando um sopro de vida à economia brasileira é a entrada de capital externo direcionado para operações financeiras ou para oportunidades de aquisição de ativos fixos, em muitos casos, desvalorizados pela própria crise. O que é novo aqui é a maior capacidade hoje existente de atração desses capitais em decorrência da enorme extensão e profundidade da integração do sistema financeiro brasileiro ao internacional alcançada após mais de 20 anos de construção de aparato regulatório e de gestão monetária-financeira firmemente focados nesse objetivo.

E o que é velho é que o "colamento" não tem como dinamizar uma economia continental como a brasileira e, portanto, não apresenta qualquer capacidade de prover uma rota sustentável de desenvolvimento para o país.

Enfim, se algum descolamento houve em 2017 foi entre o establishment e a sociedade. Não importa se integrantes da situação ou da oposição, basta perguntar aos inseridos na estrutura de poder sobre as perspectivas de futuro e todos recorrerão à imagem da navegação em mares revoltos, turbulentos, imprevisíveis. Consulte-se o povão e as respostas serão completamente diferentes: desesperança, falta de opção, marasmo, algo mais bem descrito pela figura de um navio encalhado. Existe melhor demonstração de que sem a política não há saída para a economia?

Por isso, vale resgatar a imagem que vem de Federico Fellini em "E La Nave Va". Muitos articulistas já recorreram a essa obra cinematográfica, geralmente buscando inspiração na analogia com a nau sem rumo em que se desenrola o enredo. Aqui se quer trazer não a analogia, mas a metalinguagem presente no filme-testamento do grande cineasta. Ao final do filme, a câmera vai recuando até mostrar um navio cenográfico, apoiado em macacos hidráulicos, "boiando" em um mar de plástico, dentro do estúdio onde as cenas estão sendo rodadas por técnicos de som, fotógrafos, iluminadores. Todos eles, incluindo o próprio Fellini, vão também aos poucos se tornando visíveis ao espectador. Ali, o mestre da distorção da realidade revela o artificialismo da narrativa que construiu. Que assim seja com a tese do descolamento. Feliz ano velho para todos nós.

David Kupfer é diretor do Instituto de Economia da UFRJ e pesquisador do Grupo de Indústria e Competitividade (GIC). Escreve mensalmente às segundas-feiras. E-mail: gic@ie.ufrj.br. As opiniões aqui expressas são do autor e não da instituição.